



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/amoah-i/>

## ***Amoa hi* a Árvore dos cantos como meio para *narrativar* e aprender a falar com as plantas**

Keyme Gomes Lourenço[1]

**RESUMO:** Neste ensaio, propomos rotas possíveis para que possamos aprender a falar com as plantas, a partir do próprio canto e palavras soados por elas. Para isso é proposto uma maneira para desencadear narrativas vegetais para pesquisa (*narrativar*) e apresentado os circuitos narrativos formados por elas. Para isso, foram realizados estudos sobre a Árvore dos Cantos, *Amoa hi*, apresentada pelo xamã Davi Kopenawa e Bruce e pelos Pajés Yanomamis Parahiteri, somadas às leituras da Filosofia da Diferença de Deleuze e Guattari, Emanuele Coccia, Lapoujade, entre outros. O texto se organiza primeiramente, apresentando a filosofia Yanomami através da *Amoa hi* e seus cantos. Na segunda parte foram feitos mergulhos conceituais no que seria o circuito narrativo e o *narrativar*. Na terceira parte tecemos questões acerca do outramento vegetal e por fim, na quarta parte apresentamos experimentações realizadas com o *narrativar* para a pesquisa, relacionadas à contos-jardinagens que nos aproximam das plantas e daqueles que jardinam o mundo com elas. Com as experimentações aprendemos que as plantas e tudo que elas atraem para esse jardim, só poderiam então existirem, a partir do contrato que se instala entre os jardineiros que jardinam, que vão formando camadas de jardinagem entre podas, arranques, semeio, agoadas, brigas, frutos caídos, polinização, reviro de terra e acompanhamentos. Plantas que fazem mundo, mas que também advém, compõem, da fabricação de mundos dos jardineiros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jardinagem. Árvore dos cantos. *Narrativar*.

---

## ***Amoa hi*, the Tree of Songs, as a means to narrativize and learn to speak with plants**

**ABSTRACT OU RESUMEN:** In this essay, we propose possible routes for us to learn to speak with plants, based on their own songs and words. To this end, we propose a way to trigger plant narratives for research (narrative) and present the narrative circuits formed by them. To this end, we conducted studies on the Tree of Songs, *Amoa hi*, presented by the shaman Davi Kopenawa and Bruce and by the Yanomami Pajés Parahiteri, in addition to readings of the Philosophy of Difference by Deleuze and Guattari, Emanuele Coccia, Lapoujade, among others. The text is organized firstly, presenting Yanomami philosophy through *Amoa hi* and its songs. In the second



part, we delve into the conceptual aspects of what the narrative circuit and the narrative would be. In the third part, we raise questions about the otherness of plants and, finally, in the fourth part, we present experiments carried out with the narrative for research, related to gardening tales that bring us closer to plants and those who garden the world with them. Through experimentation, we learned that plants and everything they attract to this garden could only exist based on the contract established between the gardeners who garden, who form layers of gardening through pruning, pulling, sowing, watering, fighting, falling fruit, pollination, turning over the soil and monitoring. Plants that make up the world, but that also come from, compose, the gardeners' world-making.

**KEYWORDS OU PALABRAS CLAVE:** Gardening. Tree of songs. Narrativize.

---

Que tal ler esse texto ouvindo uma música  
composta pela cantora-compositora Camila Lordi  
inspirada na *Amoa hi*?  
O som está disponível no link: <https://youtu.be/JXvMNgbITc>,  
acesso-o, coloque para ouvir e venha ler.

### **AMOA HI**

Durante o curso de Doutorado em Educação pude entrar em contato com as leituras do campo da Antropologia a partir de uma disciplina onde buscava-se discutir o Antropoceno, outras filosofias que não as ocidentais, a Arte e a Educação. Ao realizar a leitura da obra *A queda do céu* de Davi Kopenawa e Bruce Albert (2015), no capítulo quatro, Os ancestrais animais, um encontro entre uma árvore e eu aconteceu. Apesar de estar rodeado por árvores dos jardins do campus da universidade quando fiz a leitura, o encontro não tinha sido com nenhuma delas. Era com uma outra que ocupava as linhas e folhas do livro de Kopenawa e Bruce Albert, a *Amoa hi*, a árvore dos cantos Yanomamis.

Nas palavras do Xamã Yanomami Davi Kopenawa, Omama é tudo que gera vida na terra, é a entidade criadora de tudo, na cultura Yanomami. Omama também foi responsável pela criação do homem branco (napë), mas estes teriam sido levados a terras distantes e inférteis por uma grande enchente. Omama modelou a *Amoa hi* como quem modela barro, mas não sei o material ao certo.



A pintou com tinta natural feita de semente de urucum. Para que o vento não levasse tudo que havia produzido, Omama colocou montanhas na terra que acolhessem sua criação. Ele plantou a árvore *Amoa hi* onde a Terra termina, lá onde estão os pés do céu fincados, todo tempo sustentado pelo espírito do jabuti e do tatu-canastra. Essa árvore viva partilha suas melodias para os xapiri que são os espíritos que segundo a filosofia Yanomami protegem a terra-floresta. A *Amoa hi* soa cantos compostos por palavras que não se repetem, nunca ouvidas, todas diferentes. Os cantos cantados pelos espíritos xapiri provêm dessa árvore. É ela quem os ensinam.

Essas leituras e aproximação com os mistérios dessa árvore, desencadeou o desejo de compor com ela e suas vozes. E acima de tudo, o desejo de poder ouvi-la cantar. Tal proposta de elaborar um meio de criar narrativas a partir de uma escuta vegetal, inspirada nas leituras de Kopenawa e Bruce (2015) não se trata em absoluto de idealizar as culturas indígenas para florescer caminhos para pesquisa, nem sequer de desejar que todos nós nos convertamos em indígenas. Mas é um movimento de aprender com essas outras formas de pensamento, que sacodem a epistemologia dominante colonial e desembaça o nosso olhar verdejando outros modos de pensar as relações entre os humanos e os não humanos, no nosso caso as plantas e seres fotossintetizantes.

É necessário fabricar meios que traíam narrativas sufocantes. E tornar a trazer conexões a esses meios. Acreditamos ser possível viver de forma envolvida, nós somos seres que vivemos envolvidos. Quanto mais envolvidos nós estamos, menos nós precisamos de segmentos que advém do desenvolvimento. Precisamos ter muito cuidado com essa palavra, como dizia Antônio Bispo dos Santos, líder quilombola com atuações na Coordenação Estadual das Comunidades Quilombolas do Piauí e da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas, falecido em três de dezembro do ano de 2023: “desenvolvimento”, ou seja, des-envolver, desconectar. É o afastar-se das outras vidas.

Agora mais do que nunca, precisamos ter cuidado com as palavras. Nós, os ditos minorizados, estamos num momento de enfraquecer as palavras coloniais, e fortalecer as palavras contra-coloniais. O desenvolvimento enquanto uma palavra colonial deve ser enfraquecida. Rumo não ao desenvolvimento e sim ao envolvimento. Bispo dos Santos dizia que essa não é uma palavra nossa, é uma palavra colonial. Já o compartilhamento... o compartilhamento é outra coisa.



Na tentativa de ser uma galáxia que ilumina um universo inteiro, me peguei mergulhado nessas leituras sendo pirilampo, que ora se apaga no breu e se faz parte dele. Ora acende, e no breu, fervilha como a diferença que expurga num escuro.

A seguir apresento alguns trechos da primeira etapa da minha investigação, que foi buscar conhecer, estudar e reunir informações e pistas sobre a árvore *Amoa hi*, retirados tanto da obra *A queda do céu* (2015), quanto da obra *Amoa hi ã he rë haanowehey* (2017). Esses trechos apresentam *Amoa hi* com as palavras dos próprios xamas e pajés que compartilharam como eles a ouvem por meio de suas culturas e rituais. Essa primeira reunião conceitual foi necessária para compreendermos *Amoa hi* e assim podermos tecer experimentações sobre o *narrativar* como um caminho para ouvir os cantos das árvores. O estilo de citação dos escritos xamânicos e Yanomamis utilizados nesta pesquisa, inspira-se na escrita e modo de conversar com essas filosofias empregado pelo estudioso destas teorias Marco Antonio Valentim (2021). Em *A queda do céu* (2015), no capítulo 4, *Os ancestrais animais*, sobre a *Amoa hi* lemos:

São árvores muito grandes, cobertas de penugem brilhante de uma brancura ofuscante. Seus troncos são cobertos de lábios que se movem sem parar, uns em cima dos outros. Dessas bocas inumeráveis saem sem parar cantos belíssimos, tão numerosos quanto as estrelas no peito do céu (Kopenawa; Albert, 2015, p.114).

[...]

Todos os cantos dos espíritos provêm dessas árvores muito antigas. Desde o primeiro tempo, é delas que obtêm suas palavras. Seus pais, os xamãs, não fazem senão imitá-los para permitir que sua beleza seja ouvida pela gente comum. Não se deve pensar que os xamãs cantam por conta própria, à toa. Eles reproduzem os cantos dos xapiri, que penetram um depois do outro em suas orelhas, como em microfones. Assim é (Kopenawa; Albert, 2015, P.114).

[...]

Há dessas árvores de cantos em todos os limites da floresta, para além de nossa terra, e ainda além da dos Xamathari, e das montanhas onde vivem os Horepë thëri. Mas são outras. Assim, há tantos tipos de árvores *Amoa hi* quanto nossos modos de falar. De modo que os xapiri que descem na floresta possuem uma infindável quantidade de cantos diferentes. É por isso que os xamãs visitantes de casas distantes podem nos dar a ouvir cantos desconhecidos. Há muitas dessas árvores *Amoa hi* também nos confins da terra dos brancos, para além da foz dos rios. Sem elas, as melodias de seus músicos seriam fracas e feias. Os espíritos sabiá levam a eles folhas cheias de desenhos que caíram dessas árvores de canto. É isso



que introduz belas palavras na memória de sua língua, como ocorre conosco [...] (Kopenawa; Albert, 2015, P.115).

[...]

[...] Mas nós, xamãs, não precisamos desses papéis de cantos. Preferimos guardar a voz dos espíritos no pensamento. Assim é. Transmito estas palavras pois eu mesmo vi, após nossos maiores, os inumeráveis lábios moventes das árvores de cantos e a multidão dos xapiri se aproximando delas. Eu as vi de perto, em estado de fantasma [...] (Kopenawa; Albert, 2015, P.115).

[...]

Os cantos dos espíritos se sucedem um após o outro, sem trégua. Eles vão colhê-los nas árvores de cantos que chamamos *Amoa hi*. Omama criou essas árvores de línguas sábias no primeiro tempo, para que os xapiri possam ir lá buscar suas palavras. Param ali para coletar o coração de suas melodias, antes de fazerem sua dança de apresentação para os xamãs [...] (Kopenawa; Albert, 2015, P.113).

[...]

Eles escutam essas árvores *Amoa hi* com muita atenção. O som de suas palavras penetra neles e se fixa em seu pensamento. [...] É assim que conseguem aprendê-los. Sem eles, não poderiam fazer sua dança de apresentação (Kopenawa; Albert, 2015, P.113).

Na obra *Amoa hi ã he rë haanowehey* (2017) dos Pajés yanomamis do grupo Parahiteri, no início da obra lemos:

NÓS VAMOS CANTAR. No início, não havia canto, não havia, ninguém cantava. Onde se erguia a árvore dos cantos, os dois foram caçar. Dois moços Wakusitari - dois não, um só moço, que a descobriu em sua região.

Os Katarowëteri eram os amigos dos Yarusi, cujo líder se chamava Yarusi. Do outro lado da planície, eles, os Wakusitari encontraram a árvore dos cantos.

Outros dizem que foram os Koteahiteri que descobriram a árvore cantando, e que chamaram os Katarowëteri para pegar os cantos.

Graças à árvore, os Koteahiteri se enfeitaram com penas de cauda de papagaio, pintaram-se com elegância, colocando crista de mutum, e dançaram. Era uma região bonita e plana onde crescia somente a planta ária. Eles ocupavam uma bela região.

Por isso, dois moços Koteahiteri foram caçar. - Vamos entrar na mata, lá adiante! (2017, p.17).

[...]



O irmão mais velho e o irmão mais novo foram caçar. A floresta parecia mais baixa por causa da luz forte, como a luz do dia na roça. Foram embora naquela direção, andando. Andavam no meio do brejo, andavam no meio, ouviram os ecos dos cantos.

Não havia sujeira no chão onde encontraram a árvore dos cantos dançando, para frente e para trás. Havia somente areia bonita e muito brilhante. A árvore dançava.

Aë, ãë, ãë, e, e, e, e, e, ãë, ãë, ãë, ãë!- encontraram a árvore cantando assim. - Ë, aëë, ëaëë, ëaëë, ëaëë, ëaëë, ëaëë, ëaëë! - cantava a árvore.

Enquanto isso, o irmão Katarowëteri, o filho mais velho, disse:

Õo, irmão menor! Dá pra ouvir um canto, lá onde há uma luz grande acima do pântano, o som do canto vibra lá, escute isso! Provavelmente é o som de um grande monstro! Esse som, naquela direção, mais adiante! Vamos nos aproximar por ali, abrir um caminho no areal! Venha aqui! Vamos, irmão menor! Vamos logo olhar de perto!

Será voz de gente? - disseram os dois.

Onde a árvore dançava, a luz forte batia na areia bonita.

Õooooaaa! Vamos, irmão menor, vamos! A árvore dos cantos está dançando, vamos, vamos, vamos até nosso pai, para avisá-lo! - disse (2017, p.18).

[...]

O irmão menor subiu em uma árvore bonita matomi inclinada, para ver se havia gente por perto. Se via algum movimento, subiu e ficou no alto. Ali, na areia, a luz brilhava de todas as cores, repousava bem no centro, e a árvore dançava devagar para frente e para trás, cantando. A boca da árvore era bem bonita, e a árvore dançava para frente e para trás.

O irmão menor desceu e disse:

Oooãaaa! Irmão mais velho! Irmão mais velho! Nossa! Está lá cantando e dançando, de uma maneira tão bonita, é a árvore dos cantos! Querido, parece que essa árvore canta, essa árvore tem cantos bonitos!

Vamos! Vamos até nosso pai!

Os dois disseram e correram imediatamente. Chegaram correndo.

- Prohu! Chegamos!

Eles encontraram esse som e se enfeitaram por causa da árvore dos cantos.

Meus queridos! Enfeitem-se para pegarem cantos bonitos! - disse o líder dos Koteahiteri. O irmão mais velho fez o himou com o pai, contando-lhe sobre a árvore dos cantos. O himou é uma modalidade de diálogo cerimonial usada para trazer notícias, ou fazer um convite para uma festa. (2017, p.19).



[...]

- Tarai! Ha! Meu pai! Pai! Olhe! Sou teu filho, olhe! Você não sabe por que voltei logo correndo! Você nem sabe! Pai! Pai! Pai! Você nem imagina o canto bonito que meus ouvidos ouviram! De arregalar os olhos! Meu pai! Meu pai! Meu pai! Você que mora aqui, eu sou seu filho, eu não lhe diria para proibir as mulheres se enfeitarem! - disse.

É claro! É claro! Queria ouvir isso mesmo, meu filho mais velho, querido! - respondeu seu pai.

Fez o himno:

Vamos! Öoooãaaaaõõããõãã! Ele viu uma bonita árvore dos cantos! Öööo!  
- gritaram. Ficaram animados. (2017, p.20)

Após as leituras dessas obras, uma inquietação foi surgindo, seivas foram movimentando, troncos e lábios se fundindo. O que podemos aprender com a *Amoa hi*? Como se inspirar em sons antes nunca assoalhados para narrar histórias para além dos humanos?

Narrar, é conhecer.

*Amoa hi* é a busca por um tipo de música que sumiu. É essencial ouvir suas palavras.

Qual o jeito de se falar para que possa ser ouvido? Como podemos mobilizar vocalizações de palavras que nos dê chances de falar com o outro? As palavras inadequadas, nesse sentido, se submetem ou se subvertem? Precisamos de outras linguagens para elaborar essa outra lógica que vai além de uma única ordem hegemônica. Não queremos aliar-nos às ordens e sim às lógicas. *Amoa hi* canta com línguas e bocas palavras nunca ouvidas. Palavras que voltam a se tornar canto chiado no corpo.

Ansiar por palavras que soam sons que entendem a conexão, a relacionalidade de tudo que existe.

Palavras e sons que nunca existiram nesse mundo antes. *Amoa hi* canta. Ouço. Reparo, restauração, restituição, remendar novamente e incluir coisas novas, seres que estão vindo, trazendo ensinamentos de modos de viver que nunca existiram nesse mundo antes.

Polifonia de abordagens é colocar muitas vozes para falar? Será que é isso *Amoa hi*? Uma prática de transformações?

Num primeiro encontro, propusemos a permissão de sermos lábios tímidos. Procurando perder o contato com o fundamento, para irmos para a escuta, *Amoa hi*.



Uma mensagem transformadora, o que seria? Hã? – Quem está em movimento de explorar novas linguagens para narrar suas narrativas?

*Amoa hi*, árvore da vida distribui suas melodias em palavras que não se repetem, todos os cantos provêm dessa árvore que se renova constantemente, moventes, umas sobre as outras.

Desejei que as árvores, os jardins, as ervas daninhas, as folhagens, a floresta, a savana e... atravessassem meu corpo afectivo das mais variadas formas, compondo com suas múltiplas vozes. Todo meu desejo é que as plantas falem comigo, que me permitam adentrar territórios até então inabitáveis. Tanto de forma intelectual, mas sobretudo de forma afectiva.

São as próprias plantas que têm algo a nos dizer com seus cantos e escritas vegetais? Por isso escuto *Amoa hi*.

Palavras surgidas no Tempo do sonho.

Uma abordagem metodológica que fertiliza o brotar narrativas.

### ***Narrativar com o caminho***

Narrar – do latim, in + errare.

In – em

Errare – Vaguear, errar

N errare - Cometer um erro

Nerrare – Contar, narrar

Em vaguear, em vagueando. Narrar pode ser então narrar-vaguear? Narrar como maneira de vaguear no pensamento, na escrita, nos saberes. Quando eu falo quem fala comigo? Tem alguém que não fala? Narrar coletivamente, vaguear junto. Junto com a fabulação e a narração. Fazer os personagens virarem sujeitos na narrativa. Narrar fabulações. Fabular narrações. Criar fabulações, fabular criações com as plantas. Contos-sementes, conto-frutos.

A metonímia tem poder para abalar a metafísica positivista compulsória.

Substituir o chamar das coisas por algo que abale sua cadeia significante pois o afeto passa a gerir as lógicas na metonímia. Aquilo que marcou tanto o corpo que quis expandir-se ao cosmos pela





fala, desrespeitando a metafísica dominante e propondo uma outra, fundada pelo aquilo que lhe fez sentido.

Escrever a N-1,

Escrever à Metonímia,

Escrever em Metonímias,

[...] a narrativa não se refere mais a um ideal de verdade a construir sua veracidade, mas torna-se uma “pseudo-narrativa”, um poema, uma narrativa que simula, ou antes, uma simulação da narrativa” [...] (Deleuze, 2007, P.181).

Eu vi centenas de plantas em frestas de sarjetas porque elas não tinham para onde ir e estavam fugindo, deslocadas da floresta. É uma imagem vívida para mim de deslocamento não-humano.

Preocupou-se com o que iria acontecer, dessincronizou o tempo. Interrupção da sincronicidade. Fazer o tempo cair.

Esse é o tipo de história de organismos não-humanos, que não poderia ter escrito antes. – Que tipos de histórias de não-humanos as narrativas permitem que conheçamos e nos ajuda a compreender os mundos?

Reaprender com as narrativas algumas das artes de contar histórias, para contar coisas que precisamos saber. Contar algumas histórias sobre o que está acontecendo no mundo, dentro do mundo.

É o momento da possibilidade de contar histórias sobre seres cujo nomes você se lembra, ou alguém lembra, e um animal, e uma planta, e um fungo que você encontrou.

É hora de retomar narrativas que traíam os ritos e rompa tratados. Escolher e fazer alianças, que tornam a trazer à tona narrativas. Isso dá origem a um circuito narrativo. Existem narrativas que retomam narrativas para formar novas narrativas, que tornam a nutrir outras, ou a mesma narrativa. Tem um campo virtual nesse “entre” que há no retomar e criar. Movimentando e alimentando o circuito que é puro movimento. Assim como também outras formas de lógicas e movimentos, o circuito narrativo está em rizoma no sentido conceitual proposto por Deleuze e Guattari (1980), no interior e na beira de uns rizomas. Se fertilizando a cada inserção, graças às



inúmeras entradas deste. “A questão é produzir inconsciente e, com ele, novos enunciados, outros desejos: o rizoma é esta produção de inconsciente mesmo” (Deleuze; Guattari, 2011, p.27).

O circuito secreta narrativas que modificam a ordem, o ritmo e a intensidade dos pensamentos. Entendo o circuito narrativo e toda sua lógica de alimentação e impulso, como movimento possível-potente para composição de narrativas com ontologias plurais. Não estou falando apenas ser crítico em relação à branquidade ou ao modernismo. Estou falando da habilidade de excogitar dentro de si.

É no circuito onde tem um fundo onde se atualizam multiplicidades ao infinito que doam às narrativas tudo que elas precisam. Diferente de outras lógicas que se voltam a diferenças finitas para codificar o mundo. No circuito, produzem-se metamorfoses que vão permeando as narrativas e as recompondo. É um bloco dentro do rizoma intensivo em transformação trabalhando ativamente para criação de planos de encontros, aspirando compor alianças e relações antes inconcebidas.

A força do circuito narrativo está na sua capacidade de realizar modos alternativos de devir que rompem padrões modernos. Novas bordas e fronteiras vão sendo montadas desejando atualizar os conhecimentos. Diferentes agenciamentos vão se formando. Um encontro entre.

O circuito nunca se fecha, pois o que a narrativa propõe é uma experiência que vai muito além de apenas ler e interpretar o conteúdo. A narrativa é capaz de nos fazer experimentar a vivência alocada no circuito a fim de que sua performance se realize em nossos corpos.

O circuito permite que o olhar devolvido a nós mesmos após *narrativar-nos*, traga uma nova angulação a partir das relações que foram estabelecidas nas narrativas entre os diferentes seres, humanos e não humanos. São os próprios conceitos que vão sofrendo transformações a partir das experimentações com esses seres, na medida em que vão sendo criadas as narrativas.

Narrar é o verbo. Narrações de um território são capazes de dar forma a territórios diferentes. Barrancos impensáveis. E ao serem colocados nessa narrativa adquirem outros significados daqueles criados pelas relações que os ligam através do espaço, do tempo. Hibridizam campos. Retornam afeições, cores das memórias, das experimentações.



Trair os ritos. Assimilar em narrativas, o afastamento das formas habituais de produção de conhecimento e de saberes do tipo colonial, patriarcal, racista, heteronormativo.

Onde estão todos os outros? O que se tornou invisível?

A narrativa para pesquisa é para enlouquecer os possíveis. É para assumir o paradoxo no discurso sobre o Antropoceno, que se baseia em soluções propostas pelos mesmos que criaram o problema em primeiro lugar. Criar diferentes bases têm ajudado a tornar visíveis as narrativas menores submersas em narrativas maiores. Revelando histórias alternativas que foram silenciadas pela narrativa maestra.

*Narrativar* se comporta como uma visão política do Antropoceno que rejeita a narração da modernização, em que a salvação dos humanos e não-humanos é confiada a homens brancos munidos das mesmas ferramentas que produziram o desalvamento. Substituindo por outras narrativas que permitem a implantação de práticas e conhecimentos alternativos ao que atualmente dominam o fundamento.

Narrativas que nos trazem pensamentos que têm tentado não levar a diante lógicas de dominação planetária, dominação epistemológica, dominação de saberes. Que envolvem não apenas os humanos, mas também não-humanos.

Quais as narrativas atuam para pensar outros modos de existência? Não se trata de identificar padrões de regularidade, contar variáveis e estabelecer dualismos e causalidades. *Narrativar* abre um novo mundo no sentido ontológico e estabelece suas relações de modo aleatório e rizomático se conectando por diferentes estratégias.

Narrativas que expressam privilegiadamente o mundo altamente instável, portanto, mutável. Como as coisas funcionam, quem está em ação, o que pode ser possível? Tento vislumbrar respostas para as questões, porém, vejo que somente há narrativas por todo percurso.

Narrativas criadas por diferentes experimentações, encontros e outras vivências. Narrativas que exprimem o pensamento rizomático abrindo infinitas possibilidades de abordagem de qualquer pensamento e conceito. Elas possibilitam outros cenários, muitos dos quais podem parecer inconcebíveis.

As narrativas são catalisadoras de possibilidades e uma estratégia que desencadeia o exercício do pensamento rizomático.



Narrativas que não se colocam como paradigma absoluto nem como comprovação definitiva, mas que permite sustentar a argumentação, entrelaçando conceitos, fatos, acontecimentos e sensibilidades.

As coisas são o que são “**e assim é**”. As narrativas sabem que nenhum pensamento unicamente racional e reflexivo consegue dar a dimensão total do que são as coisas. Temos sempre uma discrepância entre o nome, a definição, e o que é nomeado. *Narrativar* é o uso descriminado mesmo da linguagem verbal como instrumento de ficcionalização por meio da produção de fabulações narrativas.

Narrativas que podem ser lidas a partir de qualquer ponto, sendo o linear apenas um dos trajetos possíveis.

Com esse movimento estamos forrageando o que fica atrás do pensamento, algo entre o impensável e o afetar. O afeto antecede o raciocínio, está mais próximo da intuição, da vontade de vir até. É necessário após ouvir as vozes dos vegetais experimentar o impensável, bem como perceber o sentir que normalmente não se percebe, alcançando cada seiva do corpo.

*Narrativar* em alguns momentos oscila entre a metonímia e a metáfora e saberes e mitos e conhecimentos científicos, indiscerníveis enquanto em polos, e por isso é com efeito uma ficção e mesmo que vinculada aquilo produzido e ressoado pelas plantas, não é um tratado de botânica.

É justamente as fragilidades da tradição e hierarquia metafísica colonial o que a narrativa pretende abalar. Propondo um pensar com o outro, construído em coexistências. Fertilizado por múltiplos lugares de enunciação. Talvez sejam essas narrativas uma crítica decolonial-vegetal no e do Antropoceno. Narrativas sem nostalgias de um tempo pacífico e harmônico e habitável que jamais existiu. Narrativas que fazem rupturas expondo frestas de mundos apocalípticos, porém reabitáveis.

### **Aprender a falar com as plantas**

A escrita narrativa e a experimentação diretamente inspiradas no vociferar que a próprias plantas produzem todos os dias tanto nos nossos corpos quanto na superfície da terra, é uma das maneiras de aprender a falar com as plantas.



A linguagem das plantas não é uma metáfora, já temos produção de conhecimentos suficientes que demonstram que as plantas emitem som (Khait, et al. 2023), que por meio da rizosfera e micorrizas se comunicam com microorganismos benéficos que envolvem suas raízes para terem acesso a mais nutrientes do solo e obterem maior proteção contra doenças (Nishisaka et. al. 2021; Song et. al., 2010), que sinalizam umas às outras a intensidade de sua floração e se estão sendo atacadas (Farmer et. al., 1990), que memorizam dados e comunicam eles a outras plantas (Authier; Cerdán; Auge, 2021) e são até capazes de manipular outras espécies (Baluška et. al. 2006). Elas possuem uma comunicação sempre em conexão de forma espacial e articulada com outros seres. Há consenso hoje de que foi a vida quem fez a Terra da forma que o conhecemos, a ação fotossintética das plantas e das algas marinhas, o tornou cada vez mais habitável e múltiplo.

Provavelmente, como defende Coccia (2018a), devido ao fato de serem seres sésseis e a movimentação dos vegetais ser quase invisível, as plantas ainda são consideradas como desprovidas de vida, sem qualquer sensibilidade ou inteligência. O preconceito metafísico se perpetuou. Mas será que é só a falta de movimento que acarreta tais considerações?

A maior parte de textos inspirados nos vegetais que li, quase nunca se coloca o sentido do viver vegetal inseparável da questão da vida. De algo que existe porque tem direito. Geralmente se nutre o discurso de que se as plantas existem é porque elas têm de servir para algo e para os humanos. E esse funcionalismo-utilitarismo vegetal é uma das arestas fundamentais do problema que nos impede de aprender a falar com as plantas. Algo que se iniciou com o extrativismo vegetal intenso durante os séculos de colonização e exploração das américas, e reverbera até os dias de hoje sendo considerado como advento do antropoceno.

Desde o início da botânica como a conhecemos hoje, as plantas são entendidas como portadoras de uma alma incompleta. Sem alma, não animal. Esse preconceito metafísico próprio lançado sobre os vegetais, foi abordado dos mais diversos modos pela tradição ocidental. E segundo meus estudos, majoritariamente ligados a preconceitos quanto às raças, gêneros e sexualidades que não a branco-hetero-européia, fundadora da botânica colonial que são ensinadas atualmente, tanto nas escolas, quanto nas universidades. Diferentemente de outras culturas, como algumas de origem africana e indígenas norte-sul-americanos, para nós ocidentalizados e ocidentalizados-intelectuais, as plantas não se ligam diretamente aos humanos. São literalmente um reino a parte, doutra ordem biológica, ontológica e metafísica. Porém, mesmo engolidas pela



metafísica colonial botânica as plantas conseguem crescer em frestas, sempre gosto de me lembrar disso! E todos os dias, da hora que acordamos até a hora de nos deitarmos, estamos em contato com os vegetais. Em conexão e rodeados por eles. Do café ao cacau ao açúcar, do arroz com feijão, aos sucos, saladas, batidas, chás, remédios, tecidos, móveis, moléculas, oxigênio, terra, sombra, perfumes. Toda a vida, todos os dias, toda respiração.

O modo como se dão esses laços é o que faz a história complexa do planeta e suas cosmologias. “A cosmologia é um tratado de jardinagem: um manual sobre as inúmeras maneiras de agenciar os seres mais díspares e de harmonizar seus ritmos e seus sopros”. (Coccia, 2018b, p.10). E, segundo Coccia (2018b) criou o mundo e nós como conhecemos, sendo as plantas as jardineiras. Nesse jardim criado pelas plantas, estamos vivendo COM, convivemos com todos os indivíduos, orgânicos e inorgânicos.

Ao aprender a falar com a plantas, aos poucos foi parando de me interessar a visão romântica ou simbolista que é remetida plantas. Há um problema na elaboração simbólica que é o de fixar sentidos às coisas. As plantas me ajudaram a pensar em maneiras de sobreviver enquanto seguia os rastros que deixavam sobre a terra-Terra. Cada experimentação vegetal é uma colheita que nos ajuda a repensar a própria história da filosofia, da arte, da educação, da botânica, da experimentação com pigmentos vegetais.

Coexistir em sensibilidade e inteligência com esses seres alheios e, no entanto, familiares, tornou-se para mim uma questão de vida (*quid vitae*) e não mais apenas uma simples relação entre reinos, *animália* e *plantae*.

Aprender a falar com as plantas não se trata de nos prendermos a ciência do vegetal, da botânica, ou qualquer outra filosofia unicamente ocidental das plantas, a qual tenderia a reconduzi-las ao logos metafísico do paradoxo do retorno. Para mim a fuga seria estreitar cada vez mais a coexistência com a singularidade vegetal, e experimentar com as plantas seu valor existencial, que como constatei nunca é singular, sozinho. É sempre conectivo e relacional com outros inúmeros seres, humanos e não-humanos. Seria aprender a falar com as plantas ter os vegetais a N-1? Seria mesmo uma questão de vida no sentido trazido por Lapoujade (2015)? Seria sermos rede e linha dessa trama ontológica?

A grande questão não é a do ser do homem em sua relação com o Ser, mas sim a das políticas de "gestão", de destruição, de conservação da vida na



terra. Por que meios é possível escapar das organizações mortíferas que rodeiam a terra? Como lutar contra elas? Em que as doenças dos homens [...] impedem a vida na terra? Quid vitae? (Lapoujade, 2015, p.43).

Ao serem consideradas em sua inteligência e afetividade, as plantas ganham plena autonomia existencial. Pensar as plantas é pensar com elas. É construir com as plantas narrativas sem derreá-las, nem as destruir por uma compulsão devoradora tão própria dos humanos. Ao invés de plantas empacotadas com finalidade comestível ou medicinal, temos as flores, os galhos, os frutos, as coifas, os plastos como uma forma radical de pensamento.

As plantas sempre nos demonstram como outrar-se. Os vegetais têm essa habilidade de pôr em movimento de acoplamento comunicativo entre seres e espécies. Algo bem parecido com rizoma. “É uma questão saber se a botânica, em sua especificidade, não é totalmente rizomórfica” (Deleuze; Guattari, 2011, p.13). O porquê as plantas? Essa inclinação pelos vegetais, embora comece na minha pesquisa com os pigmentos botânicos, se deve justamente ao fato de as plantas sempre terem ocupado um lugar de segundo plano em termos de crítica e de reflexão filosófica. De serem determinadas como seres inferiores em relação aos animais, sobretudo em relação ao animal humano.

Aprendendo a pensar as plantas, pensando com as plantas, agride o pensamento, que inclusive gosta de ser violentado, a desencadear no circuito narrativo processos de descolonização do pensamento e da existência. Isso abala a tradição metafísica ocidental hétero-branca, que dá às plantas somente chances de serem seres que não valem a pena pensar. Aprender a falar com as plantas nos ajuda a afastarmos cada vez mais da tradição humanista de fatura colonizadora. Para se confundir com os vegetais, perder-se em seus limites e redesenhar o território, é necessário aprendermos a devir seres sesseis. Desenvolver atratores cósmicos.

### **Experimentação: uma narrativa forrageando jardineirvs**

Escrevi as narrativas nesta seção utilizando um estágio da linguagem neutra, que aprendi em coletivo com outras pessoas transgêneras em um grupo de acolhimento LGBTQIAPN+, onde as letras que fazem flexião de gênero nas palavras relacionadas a alguns sujeitos, são substituídas por uma letra não vogal. É o estágio da ausência do gênero na língua. Jardineiros, o plural



masculino que “reúne” todos os outros gêneros apagandoos, torna-se jardineirvs.

Vocês completam o gênero cada um em sua leitura. Comigo em há momento experimentando esse tipo de escrita, o uso do ‘V’ já soa como outras possibilidades de seres ocupando o fazer jardinagem, o jardinar, vs jarineirvs. Fazendo a língua gaguejar. Já na fala, um exercício mais difícil de aplicar essa flexão de gênero ausente às palavras, os sons soam com som de ‘U’, us jardineirus. Mas entendo a questão do som como mais aberta as possibilidades de interpretações e leituras, e nenhuma estará “errada”, “não certa”. Muitas vezes flexiono o plural para o feminino na fala, quando não consigo, ou desconheço melhores flexões para algumas palavras.

Desde o começo da minha pesquisa de doutorado em Educação, estive fascinado pela jardinagem e as plantas. Leituras de Coccia (2018b), inspiraram-nos mais e mais adentrar o mundo da jardinagem. Deparar com o fato de que tudo pode ser jardinado e todvs podem ser jardineirvs, provocou alterarmos nossa percepção do mundo, para passar a percebê-lo como um jardim. Realizei vários experimentos de jardinagens: com tintas naturais, com criações utilizando IA, com audiovisual e produção de textos-narrativas. Para esse trabalho as produções apresentadas são narrativas textuais e uma obra audiovisual. A cada encontro com possíveis jardinagens, reverberava o desejo de continuar jardinando cada vez mais. Nesta experimentação busquei conhecer quem eram vs jardineirvs, e como *narrativavam* com as plantas jardinagens no fim do mundo. Os seguia. Fingia ser uma de suas plantas. Bisbilhotava seus momentos de regas, plantios e manejos. Acordava pela manhã e ia cada dia para um jardim diferente na minha cidade natal acompanhada pela leitura de *A virada vegetal* de Emanuelle Coccia (2018b). Nas casas dos meus amigos, parentes, vizinhos. Alguns jardineirvs perceberam que o que queria era vê-los jardinar. Outros achavam estranho quando chegava e ficava especulando sobre suas técnicas de jardinagens. Uns me chamavam para voltar. Outros pediam para não ir mais. Alguns deixavam tocar nas plantas, mexer nas suas flores, folhas, galhos. Já outros, deixavam apenas ficar olhando seus movimentos.

Desse mergulho, aflorou narrativas jardineiras. Um conto-semente, outro conto-folha, um ponto germinativo, um torrão enraizado, *narrativei* esses atravessamentos para que pudesse com eles aprender também a ser um jardineirv. Em meio do jardim para poder aprender a falar com as plantas.





O dia que vi um jardineiro lendo, Deleuze e Guattari numa estufa... Escrever para jardineiros poderem ler. Isso de maneira alguma significa não usar conceitos ou teorias. Mas sim, fazer as palavras soarem como as plantas de um Jardim.



Figuras 1: Composição de um jardim visitado pelo autor durante o forrageio, com foco na ocupação do espaço por plantas nativas e exóticas. Fonte: Arquivo do autor (2024)

### **simbioses e jardinagens do fim dos mundos**

Um jardineiro que ao mesmo tempo que semeia, quer arrancar as plantas porque não vê mais sentido em algumas delas. E ao mesmo tempo em que arranca, já planeja ocupar a terra com um novo semear para assim amar novamente outras plantas, e desejar arrancar aquelas outras antes semeadas, em que não vê mais sentido.

Mas se o mundo é Jardim, não é porque as plantas constituem seu conteúdo privilegiado, ao contrário, é porque o mundo é feito fabricado pelas plantas. Elas são, portanto, o jardineiro, e são elas que fazem este mundo, elas que conservam este mundo em vida (Coccia, 2018b, p.05).

Tem um jardineiro que não planta mais, já plantou, parou porque envelheceu, e ao mesmo tempo que não planta, fica irritado, com o jardineiro que arranca, por ele arrancar. E não apenas deixar as plantas viverem e plantar outras. Conhece todas as plantas, consegue ainda regar boa parte delas,



sabe de suas cores e características e em que fase de desenvolvimento estão. Mas devido à falta de força, o máximo que consegue fazer é agoar e contemplar. Tem as plantas como se fossem suas.

Somos objetos da jardinagem cósmica das plantas. Quais são as atividades de jardinagem que tornam possível a vida sobre a Terra? (Coccia, 2018b, p.06).

Vive em cabo de guerra com outrv jardineirv, quando elv se encontra em seus momentos de arranque das plantas do jardim. Discorda quase sempre também, da maneira como o outrv realiza a poda. Acha a poda drástica demais! Chegou até a esconder alguns vasos, e mudara outros de lugar na tentativa de escapar com essas plantas da visão baixa dv jardineirv sedentv.

Porém, em certas horas, até concorda com as podas da jardinagem. Como quando o corte se tratava do pé de acerola, que a copa grande já tomava parte do telhado do vizinho. Concorda também quando é a poda do coqueiro, que só fica mais vistoso e verde a cada folha arrancada que dá abertura para folhas novas da base poderem respirar mais luz.

Pensar o mundo como um Jardim, cujo jardineiro são as próprias plantas, significa, antes de tudo, reivindicar seu estatuto de artefato. O próprio mundo nada tem de puramente natural, no sentido de que a natureza seria a prioridade de antemão. Ele se acha, ao contrário, sobre o limiar de indistinção entre natureza e cultura. Ele, o mundo é um Produto cultural dos seres vivos e não somente a condição de possibilidade da vida (Coccia, 2018b, p.09).

As plantas e tudo que elas atraem para esse jardim, só poderiam então existirem, a partir do contrato que se instala entre vs jardineirvs que jardinam, que vão formando camadas de jardinagem entre podas, arranques, semeio, agoadas, brigas, frutos caídos, polinização, reviro de terra e acompanhamentos. Plantas que fazem mundo, mas que também advém, compõem, da fabricação de mundos de ambos jardineirvs.

A cosmologia é um tratado de jardinagem, um manual sobre as inúmeras maneiras de agenciar os seres mais díspares e de harmonizar seus ritmos de seus sopros. Jardinagem é o ser e a forma das próprias plantas (Coccia, 2018b, p.10).

Umv jardineirv é quem escolhe quais as plantas que irão entrar no jardim, e onde ficarão, as plantas não obedecem. É elv quem faz todo um forrageio com os vizinhos e com vs outrvs jardineirvs buscando outras novas mudas. Pensa que o jardim é seu. A maior parte dvs jardineirvs respeitam essv jardineirv e quase sempre não jardinam na sua frente.



Porém em primaveras de flores vistosas, se for preciso, vs jardineirvs que compartilham o mesmo jardim, sem muita cerimônia, quando v jardineirv que forrageia não está presente, reviram toda a terra para poderem plantar. Em poucas horas, mudam completamente a aparência que o jardim havia criado no outono passado. Cocriam com as plantas floridas, fazendo das gemas nos galhos todo tipo de broto possível. Fazem e desfazem jardins enquanto jardinam com as plantas.

Quando v jardineirv que pensa ser donv do jardim está presente elv comunica pouco com as plantas. Mas é elv quem mais entende o tempo de abertura dos botões florais e o espaço conquistado por eles. E mesmo que algumas ervas semeiem pelo vento novas plantas e elas cresçam em algum lugar totalmente desapropriado e inadequado, é essv jardineirv quem faz questão que tais plantas permaneçam lá. Pois em algum momento, quem é que sabe? Poderemos descobrir o motivo para elas terem nascido por ali, ou deixarmos elas irem para algum outro lugar.

V jardineirv que recolhe as mudinhas, precisa dv primeirv jardineirv para poder plantá-las no jardim. Elv não planta mais. Apenas contempla e forrageia.

Elv dá essa missão para v jardineirv, para que elv possa plantar aquelas mudinhas que elv consegue trazer para dentro do jardim. Elas são parte do rastro delv no mundo, no entorno do jardim. V jardineirv que mais planta na terra, é v jardineirv que menos consegue trazer plantas e mudas para o jardim.

A origem do mundo está em todo lugar e existe em cada instante para observar o mundo, não precisamos de um ponto de vista, e sim, de um ponto de vida (Coccia, 2018b, p.11).

Todo o ser é jardineiro de outras espécies e Jardim para outras mais (Coccia, 2018b, p.30).

V jardineirv que traz as plantas para o jardim, as vezes se depara com plantas que morrem jogadas no cantinho do matagal, seja dentro de uma sacola ou de um vaso provisório que havia preparado. Elv tem que recolher as plantas e jogá-las fora no lixo, quando são esquecidas. Mas na verdade elas não foram esquecidas. Eram lembradas, mas não tiveram tanta atenção e interesse como recebiam as outras. Para serem aceitas pelvs jardineirvs e ganharem olhos brilhantes e afetivos sobre suas folhas, flores e frutos, as plantas precisavam participar de um ritual. V jardineirv que pensa ser donv do terreno, precisa verdejar histórias para vs jardineirvs que cuidam, sobre a nova planta que



está adentrando no local. Vs jardineirvs rapidamente se rendem a um bom conto.

Ainda mais sobre plantas!

Ao saberem sobre o forrageio dv jardineirv em busca da plantinha recém-chegada, dos jardins que visitou, dvs jardineirvs, terrenos e mundanos que conhecera em busca de outras plantas, vs jardineirvs iam fertilizando sua relação com a nova moradora do jardim. Essa era a estratégia daquelv jardineirv para fazer estves jardineirvs reconhecerem e se envolverem com as plantas que ia trazendo para compor seu jardim. Era necessária essa fabulação, para vos jardineirvs retirarem as plantas dos sacos, jornais, vasilhas, levá-las para o jardim, para a partir daí começarem as suas interações próprias com a planta. Cada jardineirv volta a jardinar devindo à sua maneira, modo, movimento.

Vm jardineirv tem seu jardim no meio da mata, e está acostumadv a fazer um ritual em silêncio pelas manhãs. Gosta de apreciar aquilo que vibra ao seu redor. Seu jardim está há um tempo sem chuva, e por isso tem molhado nesses dias não somente as plantas menores, mas também as raízes das árvores maiores do quintal. Um dia quando estava perto de um pé de Mixirica algo lhe movimentou e o convenceu a molhá-la inteira, de cima a baixo. Escutou sua intuição e assim, usando uma mangueira laranja com alguns furos, fez uma pequena chuva cair sobre a Mixiriqueira, era algo que nunca tinha pensado em fazer antes, geralmente o que fazia era enxarcar o solo e as raízes. Nesse momento, de imediato, uma sensação de absoluta de contemplação v preencheu completamente. Deu um sorriso discreto esticando os lábios enrugados, mas ainda sem expor os dentes. As mãos firmes segurando a mangueira ficaram ali, molhando aquela árvore diante das outras plantas, alguns grilos, joaninhas, formigas e eu. Ficou sorrindo sozinho por um tempo. Aquilo que v afetava estava vindo do reverberar dos afetos-vegetais-chuviscos. Era como se a Mixiriqueira cobiçasse a água, e v jardineirv que era chuva, ansiasse tocar o limbo foliar, devir gota-de-orvalho, que enquanto cai arrasta outras gotículas se tornando uno, aumentando sua potência e velocidade para vir a ser um pingão d'água, água-agoa.

Nessa comunicação afetiva, sentia-se parte do mundo com os outros seres. Aprendeu nesse dia se permitir comunicar com os outros sendo outro, sendo água, falou com as plantas toda a jardinagem. A chuva trouxe todos para dentro, as gotas eram escondidas pelo som do trançar das patas e pernas que caminhavam com dúvida de não saber onde ficar. E o silêncio deu casa para a criação. O silêncio da chuva é pingão. Não tenho medo de molhar nem de ficar junto.



\*

Nessas experimentações pude conhecer os jardins que vão formando paisagens inúmeras nas bordas dos seus fragmentos, conforme vão sendo cocriados. Jardins frutos dos contratos entre jardineirvs que plantam, jardineirvs que arrancam, jardineirvs que replicam mudas, jardineirvs que matam brotos. E por aqueles que as plantas tornam jardineirvs também. Vs enfeitiçadv. Vs jardinadv.

Não se sai isento e estéril dessas experiências vegetais e de jardinagem. A vivência no jardim vai ser compostada produzindo uma curadoria de plantas e de mundos vegetais. Inevitavelmente entrelaçadas. Tudo isso a leva a outra percepção da existência e das outras formas humanas e não-humanas de construir narrativas.

\*

Os atravessamentos após a criação dessas narrativas de jardinagem vazaram pelo meu corpo-cineasta se materializando como um curta-metragem. Geralmente os filmes me usam quando querem ser criados. Me põem em movimento de pensar o impensável do meu pensamento. Forçam saídas. Violentam pensamentos para estes devirem em ideias de imagem e de movimento. Não ideias justas, nem ajustadas. Mas ideias rápidas, ideias-slogans, conceitos ideias.

A criação audiovisual que apresento a seguir foi realizada utilizando uma metodologia de edição-montagem audiovisual que venho praticando há cerca de sete anos, onde crio um banco de dados de imagens e vídeos que capturo em experimentações-audiovisuais-vegetais, e também mídias de banco de imagens e vídeos de acesso livre da internet. Muito inclinada esteticamente ao movimento do cinema de fluxo, caracterizado pela relação mais desapegada dos artistas com a narrativa. Que a deixam com fases de interrupções imagéticas mais nítida que em outros estilos, produzindo um cinema mais entregue ao aspecto imediato dos sentidos. Desse modo, o diretor, o artista-criador no cinema de fluxo, o “cineasta de fluxo” (Bouquet, 2002), torna-se veículo que captura incongruências do real, seja ele observado, sentido ou experimentado, sendo guiado mais pela função de um ritmo do que pela busca pelo sentido de suas criações.

Veja a produção audiovisual feita após o forrageio com vs jardineirvs pelo link:



[https://ufubr-my.sharepoint.com/:v:/g/personal/keyme\\_ufu\\_br/EXME-KoPGYtBuxukjq\\_T5JMBTJ4Cw6oHT9ARU1ADV34pNQ?e=XiblAz](https://ufubr-my.sharepoint.com/:v:/g/personal/keyme_ufu_br/EXME-KoPGYtBuxukjq_T5JMBTJ4Cw6oHT9ARU1ADV34pNQ?e=XiblAz)

## Considerações finais

As plantas e suas narrativas COM, nos ensinam e aproximam delas, nos relembram que sempre estivemos com elas. As manifestações artísticas que emergem a partir do trabalho de *narrativar* com o jardim e com as plantas, de sentir os processos criativos de jardinar, de estar junto para a criação de mundo, não implicam só na criação num sentido estrito ao artístico, mas também na criação num sentido de produção de saberes. Auxiliaram instigando cada vez mais o desejo de conhecer referências e leituras desconhecidas sobre as narrativas vegetais. A continuar buscando aprender a falar com as plantas. De tornar-se parte de seu jardim e ser jardinado por elas. Uma formação que pensa junto maneiras de forjar o *narrativar*, abre-se a pensar no experimento como meio para a produção de conhecimentos. A arte e o fazer arte com as plantas vêm ao encontro exatamente à tal ideia. Que outras lógicas poderiam também compor os saberes?

## Bibliografia

AUTHIER, Ailén; CERDÁN, Pablo; AUGÉ, Gabriela A. Role of the RNA-directed DNA Methylation pathway in the regulation of maternal effects in *Arabidopsis thaliana* seed germination. *microPublication Biology*, v. 2021, 2021. Disponível em: <https://www.micropublication.org/journals/biology/micropub-biology-000504/>. Acesso em: 28 ago. 2024.

BALUŠKA, František et al. Neurobiological view of plants and their body plan. In: *Communication in plants: Neuronal aspects of plant life*, 2006, p. 19-35.

BOUQUET, Stéphane. Plan contre flux. In: *Cahiers du Cinéma*, Paris, n. 566, março de 2002, p. 46-47. Disponível em: <https://www.cahiersducinema.com/boutique/produit/n566-mars-2002/>. Acesso em: 28 ago. 2024.

COCCIA, Emanuele. *A vida das plantas: uma metafísica da mistura*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018a.

COCCIA, Emanuele. *A virada vegetal*. São Paulo: N-1 Edições, 2018b.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, vol. 1. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2011.



DELEUZE, Gilles. A Imagem-tempo: cinema 2. São Paulo: Brasiliense, 2007.

FARMER, Edward E.; RYAN, Clarence A. Interplant communication: airborne methyl jasmonate induces synthesis of proteinase inhibitors in plant leaves. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, v. 87, n. 19, p. 7713-7716, 1990. Disponível em: <https://www.pnas.org/doi/epdf/10.1073/pnas.87.19.7713>. Acesso em: 28 ago. 2024.

KHAIT, Itzhak et al. Sounds emitted by plants under stress are airborne and informative. *Cell*, v. 186, n. 7, p. 1328-1336. e10, 2023.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LAPOUJADE, David. Deleuze, os movimentos aberrantes. Tradução de Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: n-1 edições, 2015.

NISHISAKA, C. S.; QUEVEDO, H. D.; MENDES, R. Impact of soil microbiome diversity on inoculant use in wheat. In: Hof, P. van 't; Espinoza, M. de J. G. (ed.). *Archivos Académicos USFQ* 37, octubre 2021. *Memorias del III Simposio Internacional "Avances en el mundo de Microbiomas"*, Quito, Equador, 2021, p. 34. Disponível em: <https://revistas.usfq.edu.ec/index.php/archivosacademicos/issue/view/188>. Acesso em: 28 ago. 2024.

PARAHITERI, Pajés. A árvore dos cantos: Ou o livro das transformações. Tradução de Anne Ballester Soares. São Paulo: Hedra, 2017.

SONG, Yuan Yuan et al. Interplant communication of tomato plants through underground common mycorrhizal networks. *PloS one*, v. 5, n. 10, p. e13324, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0013324>. Acesso em: 28 ago. 2024.

VALENTIM, Marco Antonio. sonho de fogo: a cosmologia onírica de Davi Kopenawa. *PERI - Revista de Filosofia*, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 1-16, 2021. Disponível em: <https://nexos.ufsc.br/index.php/peri/article/view/5217>. Acesso em: 28 ago. 2024.

*Recebido em: 15/09/2024*

*Aceito em: 15/11/2024*

---

[1] Doutorando e Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Licenciado em Ciências Biológicas e em pedagogia. Email: [keymelourenco@gmail.com](mailto:keymelourenco@gmail.com).

